



## Dos regimes discursivos da balbúrdia universitária: governamentalidade e constituição de sujeitos na luta

Discursive regimes of university racket:  
governmentality and constitution of subjects in the struggle

 Rafaela Cláudia dos Santos

 Francisco Paulo da Silva

**Resumo:** Este trabalho está ancorado nos estudos discursivos foucaultianos e busca analisar como a movência dos sentidos produzidos em meio ao dispositivo político e midiático do acontecimento discursivo da balbúrdia universitária possibilitou ações de contracondutas, de modo a verificar como os sujeitos se constituíram eticamente na luta por práticas de liberdade e demarcaram, no movimento de resistência, deslocamentos de sentido para tal acontecimento. Nas análises, utilizamos postagens disseminadas na rede social *Instagram*, especificamente nos perfis *ballburdiaufrn* e *midianinja* publicados em 2019 e 2021, respectivamente. A discussão mostrou que a luta de sujeitos em defesa da educação se materializa nos enunciados que enfatizam o papel produtivo da educação e da ciência e que os sujeitos assumem uma atitude crítica

---

Rafaela Cláudia dos Santos. É mestranda pelo programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem PPCL/UERN. Tem realizado pesquisas na área da Análise de Discurso de vertente francesa, além de realizar pesquisas na área do Patrimônio Cultural.

Francisco Paulo da Silva. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara e pós-doutor pela Universidade de Coimbra. É professor Adjunto da Faculdade de Letra e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem - PPCL/UERN.



frente ao governo que lhes são impostos, o que se configura como resistência às relações de saber-poder que produzem o acontecimento da balbúrdia.

**Palavras-chave:** Governamentalidade. Parresía. Ética. Saber-poder. Balbúrdia Universitária.

**Abstract:** This work is linked to Foucault's discursive studies and seeks to analyze how the movement of the meanings, produced in the midst of the political arrangements and media devices that took place at the discursive event of the university racket, turn possible counter-conduct actions, in order to verify how the subjects constituted themselves ethically in the struggle for practices of freedom and highlighted, in the resistance movement, displacements of meaning for such an event. Through analyses, we use posts disseminated on the social network Instagram, specifically in the profiles *ballburdiaufrn* and *midianinja*, both respectively published in 2019 and 2021. The discussion brings that the struggle of subjects in defense of education is materialized in statements that emphasize the productive role of education and science and that subjects take a critical attitude towards the government imposed on them, which is configured as a resistance order to the knowledge-power relations that produce the university racket event.

**Keywords:** Governmentality. Parrhesia. Ethic. Knowledge-power. University racket.

## Introdução

Neste artigo, interessa-nos investigar a governamentalidade, no que se refere a analisar a atitude crítica e filosófica tomada pelo autor Michel Foucault (2006) a respeito da concepção de governo, na medida que se entrelaça com a noção grega de *par-*



*resía* e, por sua vez, investigar a interrelação com a constituição ética dos sujeitos, posto que a *parresía* é:

[...] a coragem da verdade daquele que fala e corre o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que ele pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ofensiva que ele escuta (FOUCAULT, 2014a, p. 14).

Para Foucault (2008), o governo segue uma linha da condução de condutas dos corpos, posto que tenta manter o controle sobre eles e, dessa forma, sobre os acontecimentos com vista a conservar a população alinhada aos seus ditames. No entanto, com os estudos de Foucault (2014b) a noção de governo transcende a essa simples condução, tendo em vista que os sujeitos passaram a tomar atitudes críticas, de modo a desenvolver técnicas de si, desenvolvendo modos diferentes de se conduzirem, agindo como sujeitos ativos. Esses modos são estratégias que configuram o que Foucault chama de *contracondutas*, entendidas como uma maneira de si produzir com relação aos outros, buscando possibilidades de existências outras (FOUCAULT, 2008).

Sendo assim, nos estudos foucaultianos a *contraconduta* é tratada dentro da discussão sobre governamento sendo empregada considerando a “luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros” (FOUCAULT, 2008, p. 271).

Com base nesta discussão, este artigo analisa como a *movência* dos sentidos produzidos em meio ao dispositivo político e midiático do acontecimento discursivo da *balbúrdia* universitária, possibilitou ações de *contracondutas*, por meio das quais se pode perceber o movimento agonístico das relações de poder, de modo



a verificar a movência dos sujeitos em sua luta por práticas de liberdade e construção de uma vida outra, isto é, a constituição de sujeitos éticos.

Na tentativa de enfatizar a relação entre governamentalidade e ética tratadas por Foucault, este trabalho está estruturado da seguinte maneira: primeiramente, foi feita uma discussão do conceito de governamentalidade e sua ligação com as noções de contraconduta e saber-poder; no tópico seguinte, buscou-se problematizar processos de constituição ética na condução de si e dos outros e, por fim, buscou-se relacionar o conceito de dispositivo midiático às análises dos dois enunciados escolhidos sobre a balbúrdia universitária, uma vez que tal escolha se deu por tais enunciados inscreverem o confronto discursivo sobre a educação e a ciência, presente na conjuntura política do Brasil atual.

### Arqueogenealogia e governamentalidade

Historicamente, o entendimento de governo/governo é marcado por inúmeras mudanças no pensamento de Foucault, podendo ser entendido desde o governo da nação ao governo das famílias, das comunidades e dos grupos.

O conceito de governamentalidade está relacionado com a operação e o dinamismo das constituições de práticas que foram desenvolvidas em torno de pensar a noção/conceito de governo, perpassando o entendimento do poder pastoral até chegar ao biopoder e a constituição do sujeito tal como aparece na última fase de Foucault. De um modo mais geral, para um entendimento da noção de governamentalidade é necessário descrever como se



dá a relação de saber-poder dos sujeitos envolvidos no acontecimento da balbúrdia.

Se levarmos em consideração que vivemos em uma sociedade cercada por dispositivos, que por sua vez, são constituídos pelos múltiplos saberes e poderes que estão presentes no cotidiano das pessoas e que influenciam práticas e condutas, veremos que tal funcionamento não se dá sem resistência, uma vez que, ao assumir uma atitude crítica, o sujeito é levado a refletir sobre como ser diferente do que dele espera o dispositivo. É desse modo que a questão “quem somos nós hoje?”, formulada por Foucault (1995), encaminha o sujeito para pensar sua condição como sujeito da resistência, que o leva a pensar como quer ser governado.

Com relação à governamentalidade, Foucault (2014b) apresenta uma trajetória do que ele considerou como artes de governar. Assim, por volta do século XVI, com o declínio do poder pastoral, vemos emergir uma governamentalidade, um tipo de arte de governar que começa a tratar de questões da ordem das condutas e práticas da população, versando sobre uma arte de governar voltada para a política. Passa a existir, nesse período histórico, uma necessidade da busca pela razão de Estado. Nesse período, também, valorizava-se a *arte de bem governar* dentro das famílias porque se acreditava que, ao passo que os condutores de famílias bem governavam seus lares, da mesma forma o Estado ia ser bem governado, isto é, saber governar a si mesmo e aos seus era exemplo para um bom governo do Estado (FOUCAULT, 2008). Nas últimas discussões sobre o governo/governamentalidade, ocorre um deslocamento no qual a centralidade está no governo de si, nas técnicas de si. É o momento em que se valoriza a ética.



Dessa forma, deve-se ressaltar que o governmento não é só um dispositivo que incide do Estado sobre os indivíduos, mas que também envolve as técnicas de si, a saber: “[...] chamo governamentalidade ao encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (FOUCAULT, 1994, p. 786). Gros (2004), reforça este pensamento ao afirmar que a governamentalidade é a “[...] superfície de contato em que se juntam a maneira de conduzir os indivíduos e a maneira pela qual eles se conduzem.” (GROS, 2004, p. 637).

Nessa linha de raciocínio, dentro das relações, das práticas, o poder que se exerce “[...] é sempre além da finalidade do governo e dos meios eficazes para alcançá-la que a manifestação da verdade é requerida por, ou é implicada por, ou está vinculada à atividade de governar e de exercer o poder.” (FOUCAULT, 2014b, p. 17).

Dessa forma, se as relações de poder-saber se exercem nas práticas de governamentalidade é bem por isso que a noção de liberdade surgiu, pois os saberes e os poderes perpassam, são dinâmicos e estão nas microrrelações, não podendo ser/estar/ ficar estagnados; assim, “[...] governantes e governados serão, de certo modo, atores, coatores, atores simultâneos de uma peça que representam em comum e que é a da natureza em sua verdade”. (FOUCAULT, 2014b, p.15).

A própria consideração da governamentalidade, no sentido da condução das condutas, pode levar os sujeitos a terem a necessidade da transgressão, de resistência, da necessidade da luta. É nesse sentido que as contracondutas surgem como um imperativo de necessidade, por parte dos sujeitos, de uma condução outra de suas vidas.

Como ressalta Foucault (2008), as contracondutas estão entrelaçadas com as práticas de lutas a respeito dos processos que





estão em funcionamento para a condução dos outros, de modo a gerar uma atitude crítica e uma possibilidade de uma vida outra, isto é, de uma estética da existência.

Sendo assim, ao tratar de governamentalidade e contraconduta, faz-se necessário apresentar o conceito de *parresía*, entendida como a coragem de exercer a verdade.

### Parresía e constituição ética

*Para Gros (2004), a Parresía*, do grego coragem da verdade, fala franca, dizer verdadeiro, fala sem ornamentos. Esse conceito está presente nos estudos de Foucault, sobretudo, na sua considerada última fase, na qual o filósofo realiza suas últimas discussões, antes de sua morte, buscando explicar como governar a si mesmo e aos outros para transcender como um sujeito da verdade, de uma ética de si, de uma ética da existência.

Nessa perspectiva, este é um conceito produtivo na medida em que se busca entender o exercício da verdade e a constituição de sujeitos éticos. Para tanto, é importante observar as oposições da *parresía* a determinados conceitos, a saber: *parresía* e confissão, *parresía* e retórica e *parresía* e os discursos do oráculo. Quanto à *parresía* e à confissão, o que se destaca é que a forma de exercício do mestre é divergente; enquanto, na confissão, o dirigido deve proferir um discurso verdadeiro a respeito de si para um Outro (seu diretor de consciência, um mestre); na *parresía*, é o mestre que toma a palavra. Já a oposição entre parresía e retórica consiste na busca pelo dizer verdadeiro sem bajulação, praticado pelo *parresiasta*, enquanto o praticante da retórica se preocupa com o convencimento, a forma do dizer e a bajulação,



não se cuidando tanto com as questões da verdade. No tocante aos discursos do oráculo, observa-se a existência de quatro modalidade do dizer verdadeiro, fazendo parte delas a parresía que se opõe as outras e tem como seu lugar de primordial execução a praça pública (GROS, 2004).

Dessa forma, a parresía é entendida por Foucault como:

uma tomada da palavra pública ordenada à exigência de verdade que, de um lado, exprime a convicção pessoal daquele que a mantém e, de outro, gera para ele um risco, o perigo de uma reação violenta do destinatário (GROS, 2004, p. 158).

Nesse sentido, Foucault (2006) trata da parresía como ação verbal que conduz para uma tomada de direção de consciência. É necessário salientar que o esse conceito surge nas discussões do campo da política, por isso, tão permeada pelo antagonismo das relações de forças, isto é, das relações de poder. Além disso, é interessante destacar que, para este momento, interessa-nos a relação da *parresía* com a ética.

Se buscamos uma discussão a respeito dos sujeitos que procuram transgredir, que anseiam pela liberdade, em um processo ético de existência, devemos mobilizar o conceito de parresía porque, sob o prisma de tal conceito, é possível problematizar os ares éticos que dizem respeito à constituição de sujeitos ditos livres. Por meio da parrésia ética, o sujeito tem a possibilidade de uma autocrítica com suas próprias capacidades. (FOUCAULT, 2014a)

Assim, percebemos que o entendimento da noção de parresía em Foucault é um tanto complexo no ponto que se modifica ao considerar determinadas nuances, por exemplo, a parresía rela-





cionada à política, no que tange a sua interrelação com a noção de democracia, pois, nesse caso, ela também tem um envolvimento moral, que se liga às discussões críticas da constituição ética do sujeito e do cuidado de si, do conhecer a si mesmo. Nota-se, ainda, que a parresía também está ligada às práticas de liberdade, uma vez que o cuidar de si se encaminha para constituição de uma subjetividade outra, aquela que permite o encontro do sujeito com sua verdade. Quando ela é relacionada ao dizer verdadeiro, o que se destaca como verdade é justamente uma atitude crítica de questionamento de crenças e do discernimento entre o justo e o não justo.

Buscar entender como a parresia e sua ligação com as questões éticas funcionam, considerando as práticas discursivas da política e a relação que os sujeitos estabelecem com a verdade dos discursos que tais práticas produzem e fazem circular, tal como ensinamos fazer na descrição do objeto de discussão desse trabalho, parece um empreendimento importante para uma descrição da relação sujeito, discurso e verdade.

Múltiplas são as práticas que envolvem a governamentalidade e a parresía, ainda que ser um sujeito parresíasta na contemporaneidade não seja tão fácil, tendo em vista que se vivencia tempos da pós-verdade<sup>1</sup> e, a todo momento, as pessoas encontram-se cercadas, principalmente por meio da internet, por informações da ordem do charlatanismo e *fake News*, prática que encontra no dispositivo da mídia grande espaço de circulação.

---

1. O conceito de pós-verdade, aqui considerado, é visto na perspectiva da emergência das *fake news* e disseminação dessas como discursos tomado como verdadeiros, em nossa sociedade, conforme a seguinte bibliografia: CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. *Discurso e (pós)verdade*. São Paulo: Parábola, 2021.



## Dispositivo da mídia: sobre as lentes da balbúrdia universitária

Ao tratar sobre o conceito de dispositivo<sup>2</sup>, temos que nos atentar para três eixos centrais que permeiam essa definição, como nos explica Deleuze (1999), sendo eles o saber, o poder e os modos de produção de subjetividade. O que é bastante caro para as problematizações que serão efetivadas neste item, primordialmente, quando se analisa a movência de sentidos do dispositivo da mídia a respeito do acontecimento da balbúrdia universitária<sup>3</sup>.

Embora Foucault, em seus escritos, não trate diretamente do dispositivo da mídia, por meio da apropriação do seu conceito de dispositivo, é possível entender a mídia como um dispositivo que influencia comportamentos, que induz a efeitos de verdade e

---

2. O conceito de dispositivo como ferramenta analítica é desenvolvido pela primeira vez por Foucault na obra *A História da Sexualidade*, especialmente no primeiro volume *A Vontade de Saber*. Tal conceito é melhor especificado em uma entrevista prestada a Alain Grosrichard, publicada no livro *Microfísica do poder* (1982). Foucault conceitua o dispositivo como um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. Na tentativa de explicar o dispositivo Dreyfus e Rabinow (1995, p. 135) sugerem que o dispositivo diz respeito às “práticas elas mesmas, atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando”.

3. Após assumir o Ministério da Educação, em abril de 2019, o Sr. Weintraub deu uma entrevista ao *Jornal Estadão* que gerou repercussão nacional, rapidamente, na referida entrevista, o então ministro, relatou que as universidades públicas iriam receber contingenciamento imediatos em seus orçamentos devido as práticas de balbúrdia. Sendo assim, considerando a repercussão nos veículos midiáticos, passou-se a emergir diversos enunciados em torno do termo “balbúrdia universitária”, retomando a fala do Sr. Ministro, que foi ressignificada das mais diversas formas.



que está a todo momento, sobretudo, na contemporaneidade, em forma da mídia digital, interrelacionada às ações humanas, interferindo diretamente nos comportamentos sociais. Como conceituam Antunes e Vaz (2006, p. 45), a mídia é “um fluxo onde se dão as operações, onde se mesclam e entrecruzam mundos simbólicos e materiais.” Dessa forma, a mídia compõe um dispositivo escorregadio e heterogêneo, permeado por diversas relações e acontecimentos que são movidos pelas relações de saber-poder existentes na sociedade.

De acordo com Foucault (1982), as relações de saber-poder estão pulverizadas por toda parte, entrelaçada nas diversas relações e práticas do cotidiano. Assim, neste texto, trabalha-se com a noção da mídia como importante dispositivo de veiculação de saber-poder. Tais relações de saber-poder são produtoras de subjetividade e efeitos de verdade. Para efeito de uma discussão desse funcionamento, selecionou-se dois enunciados que versam sobre a balbúrdia universitária e que circularam na rede social Instagram.

O primeiro enunciado selecionado pode ser encontrado na página do Instagram da *balburdiaufrn* e representa estudantes no protesto realizado pelo setor da educação no dia 15 de maio de 2019, após o anúncio dos cortes orçamentários nas universidades pelo, à época, ministro da Educação Abraham Weintraub, que ficou à frente da gestão da educação nacional no período de abril de 2019 a junho de 2020, tendo tido um período marcado por tensões e enfrentamentos, devido, sobretudo, aos contingenciamentos orçamentários e atitudes que confrontaram diversas instituições federais e servidores públicos (como comprova distintas organizações de atos públicos, como o aparelhado no dia 15 de maio de 2019, em todo o país). A respeito da análise do



enunciado a seguir, além da foto, também podemos observar a parte escrita, ou seja, a análise considerará a composição sincrética do enunciado, considerando diversos aspectos, desde o verbal ao não verbal.

### Enunciado 1: Estudantes na manifestação do 15 de maio

**balburdiaufrn**  
Rio Grande do Norte

**Comentários**

**balburdiaufrn** HOJE O DIA FOI HISTÓRICO Em todos os campi da UFRN houveram manifestações PACÍFICAS em defesa da nossa universidade e contra o desmonte da educação pública de qualidade. Nos chamaram de vândalos, mas nós provamos que somos, acima de tudo, produtores de conhecimento.  
106 sem

**Enunciador 1** eu amo o lado certo ❤️  
106 sem Responder

**Enunciador 2** A educação é revolução sim! Eu amo fazer ciência, o governo não vai me calar!  
106 sem 1 curtida Responder

Fonte: Instagram

No enunciado acima, observa-se, na maneira como as estudantes seguram o cartaz, que o foco é dado na motivação do protesto, o que também pode ser visto, considerando as condições de emergência, um foco na luta, uma maneira de materializar a contraconduta.

Considerando o dispositivo de poder, a constituição sincrética do cartaz, na sua dimensão verbal e iconográfica mobiliza efeitos de sentido que retomam e remontam à sala de aula e que, a partir disso, também evidenciam a luta política, para a “praça pública”,



demonstrando, assim, técnicas de si e demarcando o local das posições-sujeito dentro da luta pela educação, ao mesmo tempo em que acentua a força que tem esse gesto, sua representatividade perante o seguimento dos/as estudantes. Dessa forma, existe nessa prática uma marcação da posição-sujeito parresíasta que leva às ruas os dizeres “15 de maio de 2019, todos na rua pela educação”, delimitando a coragem da verdade de lutar pela educação e contra uma instância governamental que passou a atacar a produção intelectual feita pela universidade brasileira.

O ato de ir às ruas lutar pelo direito à educação pública de qualidade é um ato democrático e constitui-se como um ato parresíástico:

A parresía é, inicialmente, definida por Foucault [...] como fundamento ético da democracia: ela é a devolução ao cidadão de bem nascido do privilégio de tomar a palavra, de usar do franco falar, de exercer uma ascendência sobre os outros” (GROS, 2004, p. 159).

Muitas são as nuances a ser analisadas no enunciado em questão, e outra análise pertinente é sobre o nome “UF” escrito na face de uma das estudantes da foto, e o nome do perfil do Instagram “balbúrdiaufrn”, que demarcam a instituição que a educanda e suas colegas representam, o que também delimita as condições de enunciabilidade e o lugar social do sujeito. Sendo assim, a delimitação de sujeito estudante de uma universidade federal é fortemente representada mostrando qual instituição ela defende. Mais uma vez, demonstra-se uma marca da parresía, a coragem da verdade em lutar por uma instituição pública que visa a beneficiar muitos estudantes, pesquisadores, cientistas, de forma



gratuita, mostrando sua intrínseca relação com a universidade, apoderando-se dela, de modo a defendê-la como algo indissociável de si e da sua existência. Com isso, temos nesse enunciado que o gesto se estende para a defesa da universidade para todos, como um espaço de oportunidade e de inclusão.

As estudantes, além de se apoderarem de um espaço físico, por meio da manifestação realizada nas ruas, também conquistam um espaço primordial nos dias atuais, o ciberespaço, a internet, o dispositivo da mídia virtual, um local fluido de circulação de discursos. Ao observar a descrição da postagem que diz: “HOJE O DIA FOI HISTÓRICO Em todos os campi da UFRN houveram manifestações PACÍFICAS em defesa da nossa universidade e contra o desmonte da educação pública e de qualidade. Nos chamaram de vândalos, mas nós provamos, que somos, acima de tudo, produtores de conhecimento”, é possível identificar marcas de delimitação dos sujeitos parresiasistas da luta pela educação e, também, é possível perceber as críticas feitas ao governo federal ao utilizar a palavra “pacíficas” ao se referir às manifestações que o campo educacional realizou, tendo em vista que o ministro da Educação, à época, utilizou como argumento para fundamentar os cortes nas instituições de ensino, justamente a prática da balbúrdia, da desordem. Nesse sentido, o emprego do termo “pacíficas,” em evidência, não é por acaso, é uma crítica direta às instâncias governamentais atualmente na administração do Brasil.

Sendo assim, também é relevante enfatizar que as estudantes, mais uma vez, delimitam seus propósitos de luta que é por uma educação pública de qualidade, a qual o governo federal estaria desfazendo, ação caracterizada no enunciado como “desmonte”. Vale ressaltar a ênfase dada à universidade como produtora do





conhecimento, atitude usada para desfazer a ideia de que os estudantes seriam vândalos que praticam balbúrdia, tal como dito no discurso que representa o governo. Com isso, o movimento estudantil inscreve a universidade como espaço de produção da ciência e do conhecimento.

Dessa maneira, ressalta-se que o cuidado com a educação, a posição sujeito de luta estabelece uma forma de cuidado de si e do outro, uma ética da existência, por parte dos estudantes que vão às ruas defender o direito pela educação pública de qualidade, como direitos coletivos e espaço de produção do conhecimento. Inscreve-se no enunciado, em análise, o exercício da governamentalidade que instaura a resistência dos sujeitos às relações de saber-poder que atravessam as práticas e os discursos.

A ocupação das mídias digitais, por meio da continuidade dos protestos em prol das universidades públicas, do saber científico, possibilita o aparecimento de mais sujeitos parresiasistas que vão emergindo tanto em postagens como em comentários nas redes sociais. É o caso dos comentários feitos sobre o enunciado acima analisado. Nessa linha de pensamento, observa-se que o primeiro comentário, “eu amo o lado certo” produz um efeito defesa da verdade, pois aponta para afirmar aquilo que se faz na realidade da universidade, opondo-se ao discurso do governo federal que acusa as universidades federais de promoverem a desordem. No comentário seguinte “a educação é revolução sim! Eu amo fazer ciência, o governo não vai me calar!” vemos se marcar a posição-sujeito de luta. Nele, o uso da palavra “revolução” para adjetivar a educação, sustenta uma vontade de verdade, de um saber historicamente construído por sujeitos defensores da educação, que as conquistas na área da educação pública são sempre por



meio de lutas, não são dádivas do governo. Além disso, o uso da expressão “eu amo fazer ciência” demarca a linha tênue da educação, ou seja, sem educação não existe ciência e se é um sujeito cientista é necessário lutar pela educação, ou seja, a luta pela educação inscreve-se como atitude crítica do sujeito.

Assim, ainda, é relevante observar o final do comentário que diz “o governo não vai me calar!” percebe-se a presença do Outro no referido enunciado, estando ele presente pela ausência, pela negação, isto é, enfatizando o confronto entre os sujeitos da educação e a instância governamental do Brasil, de modo a atingir um efeito de verdade de que o governo federal deseja não promover o direito à livre expressão e que atua desqualificando, mais uma vez, as lutas dos sujeitos por uma educação pública e de qualidade.

O segundo enunciado selecionado para análise também está disponível na rede social Instagram, no perfil da *Mídiaininja*, que é uma página com direcionamento de esquerda e que costuma postar notícias diversas, sobre vários assuntos, sobretudo, contra atitudes antidemocráticas.



## Enunciado 2: Balbúrdia e vacinação na UFPR

← Publicações

midianinja

Foto: Tania Rago / Ag Brasil

**BALBÚRDIA!**  
Vacina da UFPR contra Covid pode ser produzida totalmente no Brasil

Para obter mais informações sobre vacinas, acesse who.int.

midianinja MAIS BALBURDIA NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO PAÍS! Caso passe em todos os testes, a vacina contra covid-19 desenvolvida pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) não precisará de insumos importados, podendo ser fabricada totalmente em território nacional. A necessidade de se adquirir de outros países o chamado ingrediente farmacêutico ativo (IFA) dos imunizantes em uso no Brasil é um dos fatores que tem dificultado a produção local e a distribuição de doses para estados e municípios.

O grupo da UFPR trabalha com uma técnica inédita para imunização contra o Sars-CoV-2. Os pesquisadores utilizam o polihidroxibutirato (PHB), um tipo de polímero inócuo produzido por bactérias, recoberto com partes específicas da proteína Spike, que é a que liga o vírus Sars-Cov-2 às células humanas, provocando a infecção e a Covid-19. Além de mais fácil de se obter, o composto tem um custo muito menor de fabricação do que as substâncias utilizadas nas vacinas já disponíveis internacionalmente.

Fonte: A Tribuna Paraná

Siga @estudantesninja e confira mais conteúdos sobre educação.

#vacina #UFPR #balburdia #universidadepublica #estudantesninja

Ver todos os 845 comentários

Fonte: Instagram

O enunciado acima, mais uma vez, é sincrético, verbo-visual, sendo pertinente para a presente discussão realizar uma investigação dos elementos que o compõe. Inicialmente, devemos considerar o destaque dado à palavra “balbúrdia” que está disposta em letras garrafais e com um fundo na cor verde, pois esse destaque funciona como operador de memória para o que será definido como ação que caracteriza “balbúrdia”, o que pode ser sustentado pelo que é dito logo em seguida: “vacina da UFPR contra Covid poder ser produzida totalmente no Brasil”. Com isso, é possível verificar a rememoração do enunciado da balbúrdia já veiculado a mais de um ano, sendo seu uso utilizado de forma irônica, que critica a atitude do governo federal em usar discursi-



tos de negação da educação, do trabalho das instituições públicas de ensino e da ciência brasileira.

Nessa perspectiva, ao relacionar a UFPR a uma possível solução para a crise que a saúde pública brasileira estava vivenciando, em decorrência da pandemia da Covid-19, o enunciado produz um deslocamento no sentido de “balbúrdia” positivando-o por meio da produção da pesquisa realizada na universidade. Ao relacionar tal conquista da ciência, oriunda de uma universidade pública, percebe-se a relação saber-poder movendo-se para afirmar a vontade de verdade da importância do investimento em pesquisas que são desenvolvidas nas universidades públicas.

A descrição da postagem do enunciado em análise começa com “MAIS BALBÚRDIA NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO PAÍS!”, usado para explicar que se passar nos testes finais, a vacina desenvolvida pela UFPR poderá ser fabricada no Brasil e, com isso, poderá ofertar celeridade ao processo nacional de vacinação, além de reduzir os custos. Essa atitude mostra bem que, assim como destacou Foucault, “A ciência, o conhecimento objetivo, não é mais que um dos casos possíveis de todas essas formas pelas quais podemos manifestar o verdadeiro” (FOUCAULT, 2014b, p. 08). Assim, podemos pensar que o recurso em mostrar a produção da vacina pela universidade se constitui em argumento forte contra o negacionismo discursivo disparado contra a universidade pelo governo.

Na materialidade do enunciado acima, inscreve-se, portanto, uma posição-sujeito que marca a necessidade da luta para defender a ciência, a educação pública e de qualidade, a universidade. Além disso, o uso do espaço midiático digital como elemento que moldura a circulação desse enunciado, compõe a estratégia dis-



cursiva de protesto que caracteriza a resistência dos sujeitos, pois o enunciado aponta para o fato de que não se deve ficar parado, esperando a condução de um governo que ao invés de defender vidas, trabalho e educação de qualidade, nega tudo isso.

### Considerações finais

A discussão mostrou que a luta de sujeitos em defesa da educação se materializa nos enunciados que enfatizam o papel produtivo da educação e da ciência e que os sujeitos assumem uma atitude crítica frente ao governmentamento que lhes são impostos, o que se configura como resistência às relações de saber-poder que produzem o acontecimento da balbúrdia.

Desse modo, vimos, a partir das contribuições de Foucault sobre a constituição ético-política dos sujeitos, que as resistências na defesa da universidade deixam entrever que essa luta é efeito do envolvimento do sujeito no cuidado de si e do outro e materializam a forma de como desejam ser governados, opondo-se às políticas do governo que comprometem os rumos da educação no país.

Assim, em suas performances discursiva e práticas, os sujeitos inscritos nos enunciados desvelam a política de ataque à educação como exercício do poder, firmando seu posicionamento na ética da resistência que os constitui como sujeitos de luta no jogo dos regimes de verdade que discursivizam negativamente a educação como balbúrdia. Nesse movimento, os sujeitos produzem uma outra história, positivando a ciência e a educação como necessária à vida e à formação dos sujeitos.



## Referências

ANTUNES, Elton; VAZ, CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. *Discurso e (pós)verdade*. São Paulo: Parábola, 2021.

DELEUZE, Gilles. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert; DELEUZE, Gilles et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 155-163.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II*. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *Do Governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WNF Martins Fontes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e introdução de Roberto Machado. 3.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel (1984). O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Antonio Carlos Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso dado no Collège de France, 1981-1982. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GROS, Frédéric. “A parrhesia em Foucault”. In: GROS, Frédéric. (Org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.





RABINOW, Paul. DREYFUS, Humbert. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

Recebido em: 11/03/2022

Aceito em: 31/05/22